

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XXVIII



SÃO PAULO

1981/1982

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ARMAS DE GUERRA E PADRÕES GUERREIROS DAS TRIBOS KARIB

Ulrike Rauschert (*)

ABSTRACT

In 1968/70 and 1972/76 the author worked with her husband in an Indian village located on the upper course of the Paru river, on the borders of Brazil and Surinam. She describes the weapons and warfare patterns of old times among the Aparai-Wayana and Tiriyo, also referring to her personal experiences in the course of these investigations.

Nos anos de 1968/70 e 1972/76 a autora trabalhou na aldeia Bona do alto rio Paru, na divisa entre o Brasil e o Suriname. Veio a conhecer ali índios de três tribos, na qualidade de assistente de seu marido que, além do trabalho profissional na área de controle de materiais, também efetua pesquisas etnográficas. No presente artigo, ela se refere às antigas armas de guerra e aos padrões guerreiros dos Aparai-Wayana e dos Tiriyo, assim como às suas experiências por ocasião dessas investigações.

Logo após minha chegada, constatei com espanto que os índios de nossa área, isto é, do Tumucumaque, da grande savana e dos cursos superiores do Paru e do Jari, são bem diferentes daquilo que se imagina a partir da bibliografia correspondente. Sorriem amavelmente, dizem-se generosos e solícitos, mas sempre com segundas intenções como tive oportunidade de verificar mais tarde. O estrangeiro que traz bonitos bens manufaturados, em especial as cobichadas miçangas e tecido vermelho, é altamente bem vindo enquanto duram as provisões. Para certos conceitos, como por exemplo honestidade, não existem termos na língua desses índios e eles devem ser explicados através de circunlóquios.

Aparai, Wayana e Tiriyo há muito tempo já não fazem guerra. Eventuais inimizades pessoais são resolvidas com a espingarda ou, então, através de envenenamento. As lutas de que às vezes se ouve falar nas cidades do Amazonas referem-se aos nossos vizinhos, os índios da mata. Normalmente eles não se mostram à vista, talvez por aversão ou medo, mas às vezes encontram-se vestígios seus. Para defender seu território de intrusos eles colocam sinais de advertência nas picadas: galhos vergados ou flechas espetadas no chão, com a ponta para cima, como a dizer "entrada proibida". Diversos seringueiros, garimpeiros e caçadores de onça que penetraram nas matas, desrespeitando esses sinais, já receberam flechaços. Ao contrário dos índios do rio, que possuem espingardas (cartucheiras) e, mais recentemente, armas de fogo de pequeno calibre, os arqueiros da mata são peritos com suas armas "primitivas". Tal foi a experiência, nas duas últimas décadas, de um grupo de garimpeiros e de uma "expedição de seringueiros" que fugiram da região interiorana respectivamente com três mortos e um ferido em estado grave. Essas cifras comprovam que, ao

(*) De Bonn, Alemanha.

contrário do que se costuma imaginar, acontecem muito menos acidentes nas sombras das florestas brasileiras do que na maioria das cidades.

As flechas dos índios da mata apresentam pontas longas e estreitas feitas de palmeira, ao contrário das do índio do rio que são feitas de bambu. Ao que se sabe, cada homem ainda carrega consigo uma outra arma, uma clava roliça de, aproximadamente, 80 cm de comprimento. Não temos maiores informações a respeito. Meu marido viu os índios da mata quatro vezes em 20 anos e ainda espera encontrar-se algum dia com eles de forma amistosa.

Os Aparai e Wayana, fundidos há algumas gerações, ainda usam uma espécie de clava como complemento de sua indumentária festiva por ocasião das danças. Chama-se *kapalu* e é feita de madeiras não muito duras, com o auxílio de um facão. As clavas de dança têm 30 a 50 cm de comprimento. Segundo os índios, a sua forma curiosa imita o osso da cabeça do peixe surui.

Há dois tipos de decoração da *kapalu*, um de origem Aparai e outro de invenção dos Wayana, embora as tradições a respeito não sejam uniformes. Os Aparai pintam os lados planos de suas clavas com motivos policromos, que também se encontram nas magníficas rodas de teto de suas casas circulares: dragões, ou melhor, lagartas míticas, assim como representações estilizadas de certos animais, particularmente da onça e do caranguejo.

Os Aparai ainda se utilizam de tintas de base mineral e vegetal, enquanto o sumo da casca de determinada árvore lhes serve de cola. Esta arte infelizmente vai se perdendo, pois mesmo os peritos reconhecidos não se dão ao incômodo de reunir as matérias-primas necessárias, preferindo recorrer às "aquarelas" mais acessíveis — limonita, tijuco e barro. Por isso mesmo, as pinturas não duram muito, mesmo que as clavas sejam usadas apenas por ocasião das danças.

A antiga clava Wayana não é pintada, mas decorada com entalhes, sendo previamente pintada com urucu, tinta com que os índios também costumam pintar-se da cabeça aos pés. Os motivos dos entalhes parecem então brancos. Em geral, os lados planos da clava são providos de uma moldura que se ajusta ao contorno da peça e o espaço interno é decorado com motivos animais, entre os quais também se destacam os da onça e do caranguejo.

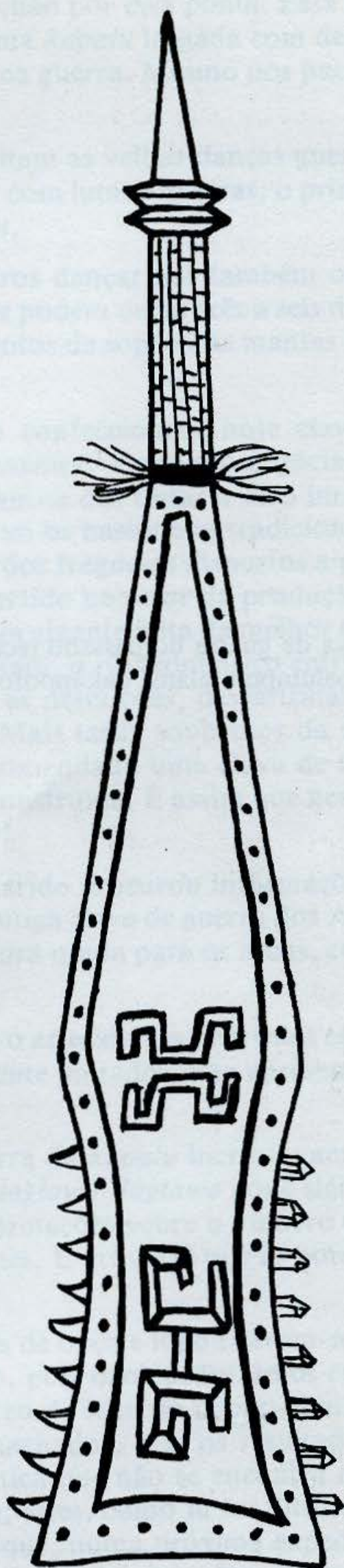
Tanto os Aparai como os Wayana não costumam enfeitar as bordas da *kapalu* que, no máximo, se apresentam espalmadas de tinta ou providas de motivos pontilhados.

A empunhadura da clava é revestida de fasquias de cana presas com fios de algodão. Grossas borlas do mesmo material prendem-se às partes superior e inferior da empunhadura.

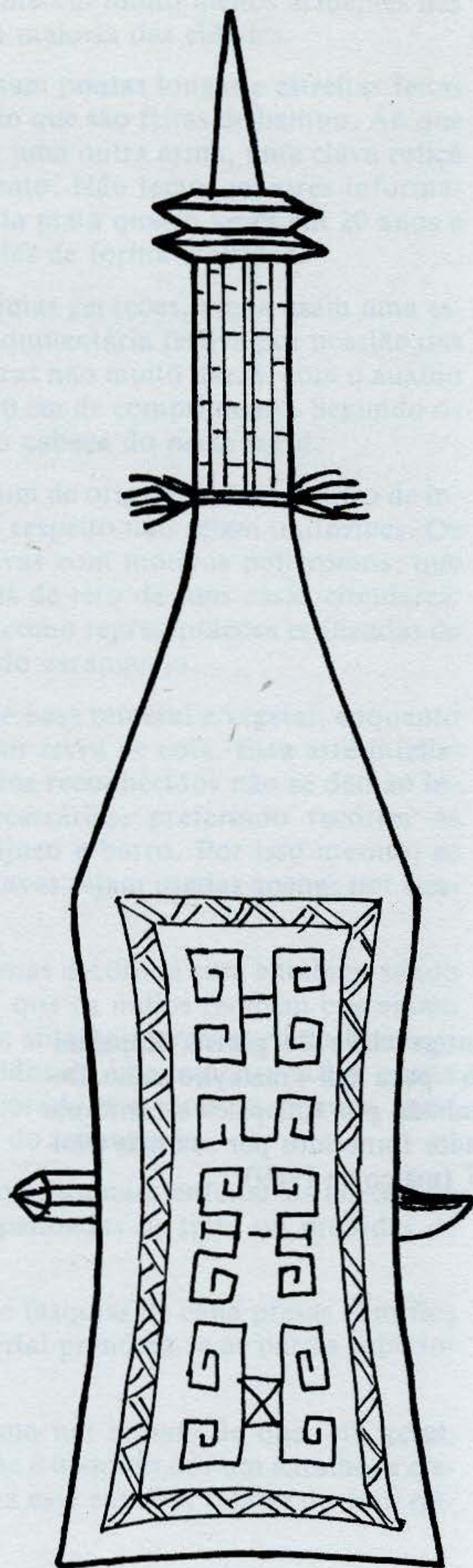
A parte inferior da empunhadura forma um remate de que, em geral, emerge uma ponta de 6 a 8 cm. Se esse remate é dividido por um entalhe, a clava é masculina. Nos raros casos em que falta esse entalhe, fala-se de uma clava-mulher.

A ponta da clava também apresenta uma peculiaridade: como a *kapalu*

Antiga clava de guerra. Kapalumpo - paka kali = matayko aatao. Desenhada por Kulapalewa conforme dados fornecidos por sua mãe Oloitö (março de 1969).



Clava de guerra do passado recente.
Kapalumpo-otalamä pakäpooto.



nunca deve ser deitada, ela é espetada no chão por essa ponta. Essa norma severa deriva da crença de que o dono de uma *kapalu* largada com descuido sobre suas faces planas certamente morrerá na guerra. Mesmo nos pacíficos dias atuais essa crença ainda tem força.

Por ocasião das festas, em que se imitam as velhas danças guerreiras, ou mesmo em cerimônias que nada têm a ver com lutas e guerras, o primeiro dançarino da fila sempre carrega uma *kapalu*.

Não sabemos se antigamente os outros dançarinos também ostentavam suas armas. Ao fim dessas cerimônias, que podem durar três a seis dias, as clavas são penduradas, junto com os instrumentos de sopro e as mantas franjadas, na casa circular do chefe da aldeia.

Infelizmente, os Aparai-Wayana só confeccionam hoje clavas feias e mal trabalhadas para o comércio de “souvenirs” e que são negociadas em especial nas Guianas. Para pintá-las, utilizam-se das tintas a óleo introduzidas, mas elas não se prestam a ser aplicadas com os bastonetes tradicionais de pintura. Isso parece bastar, porém, ao gosto dos fregueses dispostos a pagar bons preços. Há dois anos deu-se um caso divertido no setor da produção para exportação: viajantes referiam-se a uma clava gigante feita da melhor madeira de lei, de que tinham ouvido falar no rio Alitani, o rio fronteiro entre a Guiana Francesa e o Suriname. De acordo com as descrições, devia tratar-se de um monstro no formato de um violoncelo. Mais tarde soubemos da solução do enigma: um “americano” rico havia encomendado uma clava de tais dimensões e, como ele pagava bem, a peça foi construída. É assim que nesses dias de progresso se fazem coleções etnográficas!

Muito interessado em armas, meu marido procurou informações entre os velhos da região. De acordo com elas, a antiga clava de guerra dos Aparai também não era confeccionada da madeira dura usada para os arcos, como as das tribos vizinhas, e sim de pau-balsa.

A forma parecia-se com a atual, mas o artefato era bem mais estreito. Naqueles tempos, lados largos, magnificamente pintados, não apresentavam tanto interesse.

Nas bordas da antiga versão de guerra da *kapalu* incrustavam-se, de um lado, dentes de onça e, do outro, pedras *iaglawa*. *Iaglawa* pode significar cristal de rocha ou lasca de quartzo. As informações sobre o número de dentes e de pedras incrustadas não foram uniformes. É provável que as bordas inteiras fossem providas dessas incrustações.

Nós e nosso pessoal juntamos dentes de onça e logo fizeram-se ensaios de confecção de lascas pontudas de quartzo, pois não encontramos cristal de rocha em lugar nenhum. Pedacos de quartzo do leito do riacho abaixo de nossa aldeia foram trabalhados com velhos machados, mas os resultados eram lamentáveis. Faltava a experiência paleolítica que não se encontra nem mesmo entre nossos vizinhos, os índios da mata; estes, como já foi dito, usam clavas lisas, tipo cajado. Resta a esperança de que, numa próxima expedição, ainda se consiga confeccionar, com a união das forças, uma clava de guerra para a

coleção particular de meu marido.

Além da mencionada *kapalu*, os Wayana ainda possuíam antigamente uma clava tipo cacete, de secção transversa quadrada. Era feita da mesma madeira dura do arco e a extremidade proximal também era em ponta para ser espetada no chão quando não em uso. Hoje, esse tipo de arma, entretanto, quase caiu em esquecimento.

Nossos historiadores indígenas, em particular os Aparai Kulapalewa e Juntala, registravam em gravador muitas estórias sobre o tempo das lutas e das migrações. Depois nós as escutávamos, junto com eles, transcrevendo-as, trecho por trecho. E aos poucos obtivemos uma imagem dos áureos tempos de nossos amigos.

Não havia então verdadeiros chefes de guerra, e sim indivíduos que instigavam seus amigos a uma proeza guerreira qualquer. Quem os seguisse, subordinava-se a eles durante toda a incursão. Em geral, atacavam e destruíam uma aldeia das tribos vizinhas, sem nenhum motivo especial. Atacavam de madrugada, atirando as flechas contra as redes em que dormiam os adversários. Os demais eram liquidados no corpo-a-corpo com a clava. E aparentemente nunca houve entre os Aparai e Wayana flechas especiais para a guerra. Utilizavam flechas comuns, providas de pontas de bambu, sumba e emplumação. Mencionarei mais adiante uma forma especial.

Entre os Tiriyo, entretanto, existiam flechas especialmente destinadas à guerra. Suas pontas não eram paralelas à emplumação e sim oblíquas. A razão para isso: a flecha de caça deve penetrar entre as costelas verticais de queixadas, antas e outros animais, enquanto no inimigo humano elas se encontram em posição mais horizontal. Nossos informantes sabiam descrever essas minúcias na perfeição... Sempre que possível as cabeças dos inimigos não eram quebradas, pois ainda serviam de troféus depois da vitória. Até esse ponto as tradições apresentam-se bem uniformes.

Quanto ao destino das clavas depois de terminados os combates, as informações divergem. Possivelmente isso se deva aos costumes diversos dos contingentes populacionais que deram origem às tribos Aparai e Wayana. Uma das tradições registra que aquelas clavas, que efetivamente ocasionaram mortes, eram deixadas no próprio local da ocorrência. Levá-las resultaria em desgraça para os portadores. Nesse contexto, quero mencionar também que os índios não têm o conceito de despojos de guerra. Estão convencidos de que dá azar apossar-se dos bens de um inimigo morto. Levam-se as crianças pequenas “que mais tarde não se lembrarão de nada”, para criá-las como membros da família.

Segundo outra tradição, os guerreiros vitoriosos adornavam orgulhosamente as suas clavas, nelas colando pedaços do escalpo de suas vítimas, de que pendiam longos cabelos.

Naqueles tempos grandes ataques eram cuidadosamente preparados. A tropa de choque constituía-se dos melhores arqueiros e lutadores, enquanto o grupo responsável pelo abastecimento formava-se de guerreiros de segunda

classe e de mulheres, também estas munidas de clavas para o que desse e viesse. Esse grupo encarregava-se do transporte de feixes de flechas e de gêneros alimentícios.

A maior dessas expedições foi organizada, segundo dizem, pelo Aparai Chicopuli. Muitos e muitos guerreiros o seguiram contra os vizinhos Wayâpi. Durante os combates sua terrível clava emitia raios e assim ele liquidou inúmeros inimigos. Na volta, Chicopuli deu sua clava a um companheiro para que a carregasse, pois caminhava mal, com os pés cheios de bichos-de-pé (em Aparai, Chico = bicho-de-pé). Como o sangue e os miolos dos inimigos mortos, grudados na clava, começassem a cheirar mal, o companheiro quis lavá-la num riacho. Mas ela transformou-se numa enguia e fugiu pelas águas. É estória que se conta até hoje.

Num passado mais recente, as grandes incursões guerreiras diminuíram, reduzindo-se a assaltos. Houve até uma mulher com pendores guerreiros que, para poder participar de um desses ataques, teve de dar provas de sua proficiência atirando flechas numa bananeira a uma distância adequada. Depois disso foi admitida nos combates, segundo as estórias, até que se cansou da atividade.

As últimas expedições não passaram de patrulhas. Incumbiam-se de observar os estranhos que vinham do sul, ou seja, os primeiros caboclos. Desses grupos também participavam mulheres que, em caso de necessidade, deviam entrar em combate.

Nas últimas guerras foi empregada uma arma, cuja invenção os Aparai reclamam para si: a zagaia. Trata-se de uma flecha com ponta destacável, presa por um enrolamento de cordel de fibra de agave à sumba. Hoje, essa ponta é de ferro, mas naquele tempo faziam-na de osso de macaco. Os atuais Aparai-Wayana sabem preparar pontas de ferro bastante bem. Lâminas gastas de facões são incandescidas sobre o fogo e partidas em pedaços pequenos com o auxílio de velhos machados. Com a mesma técnica dá-se aos pedaços o formato de pontas de flecha, limando-as em seguida até obterem a forma desejada. Atualmente essas zagaias são usadas para a pesca, durante os meses de seca, quando as águas estão baixas. As zagaias antigas, ao contrário – como afirmam os informantes – eram armas de guerra de ação terrível: atingindo o alvo, a ponta farpada se enganchava no corpo do inimigo, o cordel se desenrolava e a flecha encravada derrubava a vítima nas brenhas do matagal. Hoje, os índios costumam obter o cabeçote da zagaia e a sua ponta através de trocas com os caboclos. Os próprios índios dizem que têm preguiça de confeccioná-lo, pois os trabalhos de encaixe do cabeçote na parte intermediária da flecha são maçantes. Meu marido queria zagaias, tanto para uso prático na caça dos grandes bagres, como para a sua coleção, e os nossos peritos acabaram por fazer uma espantosa invenção: cortaram cartuchos vazios calibre 222 Rem. e usaram a parte intermediária como cilindro. Encaixaram-no então na parte inferior do cabeçote da zagaia, prendendo-o com alguns hábeis golpes de maceete. Em seguida foi introduzida a sumba lixada no formato adequado. A preguiça é a mãe da invenção!

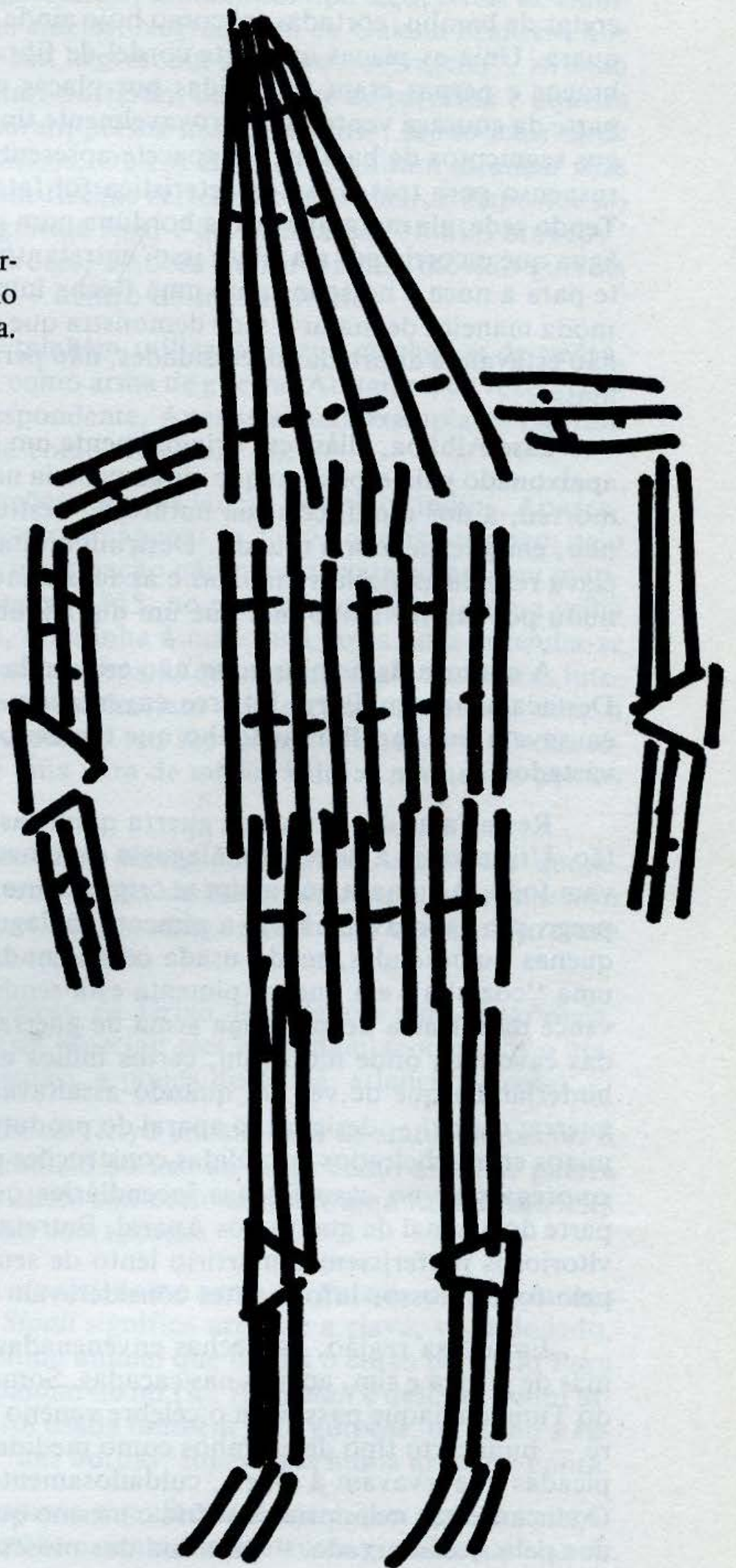
Apesar dos informantes reivindicarem para si a invenção da zagaia, acreditamos que ela tenha sido introduzida pelos caboclos na época dos primeiros contatos. Para estabelecer boas relações com os habitantes de uma aldeia Aparai, os primeiros caboclos raptaram dois meninos pequenos. Muitos anos depois os “pais adotivos” fizeram-se acompanhar pelas crianças numa incursão nas terras dos índios. Mas os meninos não haviam esquecido seus parentes e ainda falavam a língua materna, conseguindo secretamente restabelecer contato com a tribo de origem para preveni-la. Explicaram aos Aparai que as temidas armas de fogo dos estranhos não eram tão perigosas assim e os índios superaram o medo pânico que elas lhes causavam. E aprenderam também que os cachorros que acompanhavam os intrusos eram bem menos perigosos do que se pensava: com uma boa flechada, mesmo o maior daqueles animais podia ser morto. Em vista dessas boas notícias, alguns guerreiros tomaram a iniciativa. O inimigo foi secretamente observado e no momento azado seguiu-se a contra-ofensiva. Os caboclos acampavam numa praia do médio Paru. Cada um tinha sua espingarda à mão, mas todos confiavam na vigilância dos cachorros. Durante a noite as flechas liquidaram os animais, os índios esgueiraram-se para dentro do acampamento, subtraíram as armas dos inimigos e afundaram-nas no rio. Já sabiam que pólvora molhada é inútil. Ao raiar do dia, os arqueiros Aparai escondidos na mata começaram a atirar suas flechas. Os caboclos não atingidos correram para as canoas, tornando-se presa mais fácil ainda para os atacantes. O relatório do combate na praia encerra-se com o aparecimento dos urubus.

Poucos de nossos informantes sabem de uma arma traiçoeira, de guerra ou de homicídio, usada em épocas muito remotas. Era armada nas picadas percorridas pelo inimigo — mais provavelmente o desafeto pessoal. Não se tem lembrança dos detalhes de construção, mas, ao utilizar o caminho, a vítima recebia um flechaço lateral. A flecha era expedida de um dispositivo tubular. É provável que se tratasse de uma armadilha do tipo arco, tal como a conheciam também os índios da Guiana.

Do ponto de vista dos Aparai e Wayana, eram os Tiriyo do noroeste os grandes e ferozes guerreiros do passado. Grupos individuais dessa população combatiam freqüentemente os vizinhos, além de manter guerras intestinas mais ou menos violentas. As armas mais empregadas, como já foi dito, eram as flechas de guerra com pontas horizontais e clavas tipo cacete de madeira dura. Seu comprimento e peso dependiam da constituição física do proprietário da borduna. Algumas chegavam a medir um metro e meio de comprimento. Mais raramente os Tiriyo usavam clavas que, em sua forma, se assemelhavam às dos Aparai, embora fossem mais estreitas.

Entre nossos amigos encontrava-se um Tiriyo velho, mas extraordinariamente vital: Akaiyakä. Meu marido o conhece há 18 anos e nesse período estabeleceu-se entre os dois uma relação estreita de confiança mútua. Em geral, o velho não fala do passado guerreiro de seu povo, pois no tempo tornou-se cristão. Akaiyakä descreve com muitos detalhes alguns dos antigos guerreiros. Eles usavam “couraças” — chamadas *nopo* — feitas de bambu, que os tornavam invulneráveis. Com muita paciência, meu marido procurou obter

Representação da couraça de guerra *nopo* dos índios Tiriyo. Trabalho conjunto de Kulapalewa e Juntala.



Construção das articulações.

maiores detalhes sobre esse “uniforme de guerra”. Constituía-se de placas discretas de bambu, cortadas tal como hoje ainda o são as pontas de flecha de taquara. Unia as placas um forte cordel de fibra de agave. As articulações dos braços e pernas eram protegidas por placas adicionais. O peitoral encobria parte da couraça ventral que provavelmente tinha a forma de um saiote de longos segmentos de bambu. O capacete apresentava formato cônico e podia ser suspenso para trás. Essa característica foi fatal ao temido guerreiro Aibüba. Tendo sede, ele mergulhava sua borduna num riacho para aparar com a boca a água que escorria por ela. Para isso, entretanto, ele teve de empurrar o capacete para a nuca e nesse instante uma flecha inimiga atingiu-o no olho. A incômoda maneira de matar a sede demonstra que as articulações da couraça *nopo* não estavam à altura das necessidades, não permitindo que o portador se ajoelhasse.

Esse Aibüba, aliás, era originalmente um homem pacífico e bom marido, apaixonado pela esposa, o que ainda ocorria naquela época. Quando a mulher morreu, a dor modificou sua natureza. Vestiu a couraça *nopo* e partiu sozinho, em guerra com o mundo. Destruiu muitas aldeias. Como um raio, a sua clava rebatia as flechas inimigas e as suas nunca erravam o alvo. E isso continuou por muito tempo, até que um dia Aibüba sentiu sede...

A couraça de bambu *nopo* não era usada apenas por guerreiros isolados. Destacamentos militares inteiros envergavam-nas e por ocasião dos ataques, causavam um barulho medonho que também tinha um efeito psicológico devastador.

Resta falar das armas de guerra químicas empregadas nos tempos de então. Utilizava-se a pimenta malagueta defumada, a que certos guerreiros ateavam fogo. A fumaça que assim se origina é mortal quando as condições de emprego são favoráveis. Hoje a pimenta malagueta apenas é defumada em pequenas quantidades, sendo usada como condimento. Quem se aproximar de uma “cozinha” em que tal pimenta está sendo defumada, facilmente se convence da eficácia dessa antiga arma de guerra. Era empregada para expulsar das cavernas, onde moravam, certos índios antropófagos das montanhas da hinterlândia que de vez em quando assaltavam caçadores Aparai. Em outra guerra, o *aichi* – designação aparai do produto – foi usado para defumar inimigos entrincheirados em sólidas construções palafíticas. É curioso que não se empregassem no caso flechas incendiárias que, aparentemente, não faziam parte do arsenal de guerra dos Aparai. Entretanto, é possível que os guerreiros vitoriosos preferissem o martírio lento de seus inimigos a uma morte rápida pelo fogo. Nossos informantes consideravam essa hipótese muito possível.

Em nossa região, as flechas envenenadas nunca foram usadas como armas de guerra e sim, apenas nas caçadas. Somente os índios da mata na região do Tumucumaque passavam o célebre veneno *ulali* – também chamado *curare* – num certo tipo de espinhos como medida de defesa. Eram colocados nas picadas que levavam à aldeia, cuidadosamente camuflados com folhas secas. O atacante que neles pisasse sofria o mesmo que os macacos atualmente atingidos pela flecha ervada – paralisia dos músculos e morte lenta.

Os índios da mata - pelo menos a tribo dos Ojaricoulet - reservavam ainda outras surpresas aos seus inimigos, isto é, armadilhas tipo laço, feitas de embira, escondidas em torno de suas aldeias. Negros Boni da Guiana Francesa que tentaram certa vez estabelecer sua hegemonia sobre os "selvagens", tiveram triste experiência nesse particular. Sofreram um ataque de surpresa e aqueles que se adentraram na mata ficaram presos nas armadilhas, sendo mais tarde mortos a golpes de machados líticos. Outros Boni conseguiram alcançar suas canoas, mas eram alvejados com flechas certeiras por arqueiros dispostos no alto das árvores. Poucos conseguiram fugir e desde então os "índios brancos" são considerados selvagens e ferozes, embora nunca tenham movido guerras ofensivas — apenas defensivas — dentro de seu território.

Os Ojaricoulet, por sinal, também utilizavam seus machados de pedra, instrumento para todos os fins, como arma de guerra. Atingiam, às vezes, considerável tamanho e peso correspondente. Apenas alguns exemplares figuram numa coleção, sem que se saiba como chegaram ali.

Obtivemos poucas informações sobre as lanças de nossos índios. Aparentemente os Aparai nunca as possuíram, apenas os Tiriyo que as designam pelo termo *warata*. Entretanto, essa informação não parece exata como meu marido demonstrou aos informantes: em 1955, no rio Maicuru, ele viu uma velha índia que, ao ficar só na aldeia, mantinha à mão uma lança para defender-se contra ataques de onça. Dois homens Aparai que trabalhavam nas matas interiores como seringueiros, também haviam confeccionado lanças, com a mesma finalidade, quando se esgotou o seu suprimento de pólvora. Todas essas lanças eram constituídas de uma vara de madeira dura, não tendo pontas especiais.

Por ocasião de uma festa no curso médio do rio Paru, um Aparai empunhou uma lança com ponta de ferro à guisa de bastão de dança. A haste estava belamente decorada com losangos pirogravados e penugem branca. Para uso prático o instrumento não tinha serventia.

Se as estórias forem verdadeiras, os Tiriyo usam lanças para caçar onça, empregando para isso uma técnica especial: eles aguardam acorados o ataque do animal, enterrando-lhe então, a pouca distância, a lança no peito.

A lança ainda constitui entre os Tiriyo um símbolo de status do chefe. E esse fato poderia talvez ser um indício do uso da lança como arma de guerra nos velhos tempos. Há lanças de chefe confeccionadas de uma vara de madeira dura e outras com pontas de osso sobrepostas.

Pode-se mencionar ainda a *sipalali* como arma de guerra, ou pelo menos de defesa, do passado remoto. *Sipali* significa arraia e a clava, vista de lado, realmente se assemelha a esse temido animal que habita o curso baixo do Paru e tira aos visitantes o prazer de banhar-se no rio. A *sipalali* é descrita como arma de choque e, possivelmente, foi usada também para golpear, tal como a *kapalu*, pois apresentava "dentes" nas bordas, supérfluos numa arma de ponta.

A *sipalali* era a arma de homens e mulheres Aparai que, de tão velhos, não podiam mais andar. Eram então assentados dentro de grandes painéis de

barro, forradas de cabelos de inimigos mortos. Esses cabelos naturalmente tinham de ser substituídos de vez em quando, o que levava a novas matanças. Nossos informantes não pareciam considerar a obtenção desse material de forração como um móvel de guerra fora do comum. Acontecia também que os inimigos invadissem a aldeia e, levados pela curiosidade, investigassem o conteúdo das painéis. No mesmo instante os velhos ali acomodados defendiam-se com as *sipalali*. Não há outras informações a respeito dessa arma.

Finalmente, a funda de pedra *popote* também desempenhava um papel nos velhos tempos. Constituía a arma universal de um grupo primitivo do norte da Amazônia, que mais tarde se uniu aos ancestrais dos Aparai. A arma consistia de uma vara com extremidade em forquilha em que se encaixava o projétil, uma pedra roliça, envolvida num cordel preso à haste, logo abaixo da forquilha. Esse sistema de “carga” era trabalhoso e exigia uma destreza que os antigos possuíam. Com o arremesso, o cordel se desenrolava, dando direção ao projétil. A arma teria sido muito certa, tanto nas caçadas como na guerra e mesmo a distâncias consideráveis. Existiam até projéteis de calibres diferentes: mais leves para macacos e outros animais arborícolas, mais pesados para animais terrestres e adversários humanos que sempre eram atingidos na cabeça.

Há algumas décadas ainda existiam pequenos *popote* como brinquedos infantis, e os meninos davam caça sem trégua aos passarinhos. O *popote* também servia para espantar as corujas de mau agouro, usando-se nesses casos cacos de cerâmica a título de projéteis.

Um dos nossos colaboradores voluntários do grupo Aparai do médio Paru confeccionou vários *popote*, grandes e pequenos, como exemplares de coleção. Os cabos eram ricamente decorados. A ilustração prática do uso da arma, entretanto, foi catastrófica ou, se quisermos, cômica: os preparativos tomaram um tempo enorme, os projéteis ameaçavam a assistência e os próprios atiradores. Finalmente, alguns seixos ganharam os ares com um zumbido impressionante, mas nenhum acertou o alvo...

Tradução de Thekla Hartmann

